



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

7, 8, 9 e 10 de setembro 2012



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Zero Hora	Editoria: Educação	Data: 10/09/2012
Assunto: Ideias para educar com excelência		Página: Online

ZERO HORA

Ideias para educar com excelência

Dois países com dimensões, culturas e sistemas Escolares bastante diferentes vêm conseguindo resultados parecidos, nas últimas décadas, na missão de educar crianças e adolescentes

Dois países com dimensões, culturas e sistemas Escolares bastante diferentes vêm conseguindo resultados parecidos, nas últimas décadas, na missão de educar crianças e adolescentes com excelência.

A Coreia do Sul e a Finlândia costumam ocupar posições de destaque nos rankings do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), exame que mede o quanto Alunos de mais de seis dezenas de países – incluindo o Brasil – aprendem em leitura, matemática e ciências. O destaque na comparação internacional, na qual os brasileiros não conseguem ficar entre os 50 melhores, é conquistado apesar de contrastes entre os modelos. Ambos, porém, oferecem lições capazes de catapultar o desempenho do Brasil.

Enquanto os coreanos aplicam um sistema baseado na disciplina, com muitas horas diárias de estudo e investimentos pesados do governo, os finlandeses são mais informais e aplicam comparativamente menos dinheiro na estrutura educacional. O pilar que sustenta os dois modelos, porém, é o mesmo: seleção e formação de Professores de ponta, com reconhecimento e boas condições de trabalho.

– Na Coreia, a prioridade é a Educação básica. Todas as Escolas têm dois turnos, e os melhores Professores estão lá, não no Ensino Superior – comenta o doutor em Educação e diretor regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) no Estado, José Paulo da Rosa, que visitou o país oriental em 2009.

Na Finlândia, a disputa pelo posto de Professor da rede pública é tão grande que apenas 10% dos candidatos conseguem vaga nos cursos de formação. Veja nestas páginas outros segredos que fazem destes países exemplos de excelência educacional e que lições podem ser adaptadas para o Brasil.

Pais envolvidos na gestão da escola

A receita de sucesso implantada pela Coreia do Sul combina um dos mais elevados investimentos governamentais do mundo – com 7,6% do PIB destinado à Educação – com a determinação das famílias do país de garantir um aprendizado de alto nível para



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

crianças e adolescentes. Para isso, os pais costumam se envolver na gestão dos colégios.

Os Educadores, que são bem pagos e trabalham em Escolas com excelente infraestrutura, são auxiliados e monitorados pelos pais dos Alunos, em um dos maiores diferenciais do modelo coreano. Lá, as famílias ajudam a organizar as Escolas.

– Encontrei pais dentro da sala de aula, acompanhando o Professor – surpreende-se José Paulo da Rosa.

Os pais podem fazer parte do chamado Conselho da Escola com um grau de autonomia que permite interferir na seleção e na promoção de Professores, organizar eventos de reciclagem profissional e outras atividades cruciais para o funcionamento de uma instituição de Ensino.

– Faz parte de um programa do governo que dá aos pais acesso direto ao processo educativo dos filhos – observa o Professor Soleiman Dias, brasileiro que atua no país oriental.

Além disso, o foco, público e privado, é na Educação básica. Assim, boa parte dos investimentos e dos melhores Educadores estão no equivalente aos Ensinos Fundamental e Médio, enquanto no Brasil a excelência se concentra no Superior.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Jornal de Santa Catarina	Editoria: Educação	Data: 10/09/2012
Assunto: SC tem mais crianças dentro das escolas		Página: Online

JORNAL DE SANTA CATARINA
www.santa.com.br

SC tem mais crianças dentro das escolas

Santa Catarina está a um passo de ter 100% das crianças e jovens entre seis e 14 anos na Escola. Do total de 870.511, apenas 2,2% ainda não estão matriculados

Santa Catarina está a um passo de ter 100% das crianças e jovens entre seis e 14 anos na Escola. Do total de 870.511, apenas 2,2% ainda não estão matriculados. É o Estado com a menor taxa de pessoas nesta faixa etária fora da Escola. Resultado de políticas públicas e aspectos sociais.

O dado foi revelado pelo Censo 2010 e mostra que a média brasileira está próxima do 100%. São 996 mil brasileiros entre 6 e 14 anos fora da Escola, o equivalente a 3,3% da população nesta faixa etária.

Para o especialista em administração e planejamento da Educação e ex-diretor da Educação básica do Estado Antonio Pazeto, o destaque é devido a um conjunto de fatores. Políticas públicas estadual e municipais e elevado grau de consciência e valorização da Educação Escolar, por parte das famílias, dos Educadores e dos setores produtivos.

O pedagogo e consultor de avaliação da gestão educacional José Zinder acredita que há um aspecto cultural envolvido no bom desempenho do Estado. A colonização europeia deixou marcas. As famílias apostam na Educação como futuro para os filhos.

– Pode ser um trabalhador do campo, mas ele envia o filho para a Escola. Eu sou um exemplo, meu pai que era paupérrimo e me dizia "herança você não vai ter, mas vou te dar Educação a vida toda". E assim foi – conta Zinder.

Depois de Santa Catarina, aparece o Piauí com mais Alunos na Escola. A coordenadora técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação (Cenpec), Maria Amábile Mansutti, acredita que o Estado nordestino assim como outros tiveram por muito tempo resultados ruins no Ensino e tiveram que partir para um enfrentamento e vontade política para sair de um patamar negativo.

– Colocar todo mundo na Escola é a primeira iniciativa – afirma.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Sobre a situação do estado catarinense, Amábile ressalta que 17,4 mil crianças pode parecer um número pequeno, mas é bastante comprometedor.

Atenção ao aluno é o diferencial

Dos 293 municípios de Santa Catarina, 23 atendem 100% das crianças entre seis e 14 anos. Destes, 21 estão concentrados no Meio-Oeste, Oeste e Extremo-Oeste, um fica na Serra e outro na região Sul. O dado não surpreende o secretário de Educação básica do Estado, Antônio Pazeto.

– Nesses ambientes a comunicação e atendimento estão mais próximos e personalizados, sem sofrer grandes atropelos – observa.

Pazeto explica que as famílias são mais estáveis, o que facilita o acompanhamento e atenção dos Alunos. Para ele, o aspecto cultural está muito presente nas comunidades.

Com 1.763 habitantes e ainda sem acesso asfáltico, Paial é um dos que mantém 100% das crianças entre seis e 14 anos na sala de aula. De acordo com o diretor do Centro de Educação Municipal de Paial, Arnildo Hilson Vaiss, um dos motivos desse bom índice é que o município é pequeno e isso permite controlar quando um Aluno começa a faltar.

A agente educacional Elise Kutzepa disse que o baixo número de Alunos, 200 na rede municipal e 186 na rede estadual, permite acompanhar o desempenho.

– A gente tem contato direto com as famílias – explicou.

São três Escolas, duas do município, o Pré Escolar Pingo de Gente e o Centro de Educação e a Escola estadual Francisco Maciel Bageston.

Elise destaca que há um trabalho para tornar as aulas atrativas, com informática, dança e xadrez. A Professora Roselene Lopes afirma que o município oferece livros infantis, que estimulam a leitura em sala de aula. No Centro de Educação há caixas com livros que circulam pelas salas. André Hentz gosta dos livros, de matemática e de Educação física. De acordo com a mãe Janice Hentz, quando morava em outro município, André não gostava de ir para a Escola. Agora ele não reclama.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: O Globo	Editoria: Educação	Data: 10/09/12
Assunto: Opinião: Uma nova educação		Página: Online



Opinião: Uma nova educação

"A melhoria da qualidade de nossa Educação não depende da simples elevação dos recursos destinados à Educação. O aprendizado dos alunos não está diretamente relacionado ao gasto por aluno", afirma Fernando de Holanda Barbosa Filho

*Fernando de Holanda Barbosa Filho

Ao longo das duas últimas décadas, o Brasil realizou uma revolução educacional calcada na universalização do acesso ao Ensino fundamental. Hoje, a taxa de matrícula líquida para a população entre 6 e 14 anos de idade está próxima dos 95%. Para os jovens entre 15 e 17 anos essa taxa já atinge os 50%. Este processo gerou e continua gerando diversos frutos. A maior Escolaridade média que daí resultou explica parcela importante da redução da desigualdade. Ela também foi responsável por cerca de 30% da queda da taxa de desemprego e 60% da redução da informalidade do mercado de trabalho.

Embora os resultados sejam positivos e mostrem o acerto dessa política, ainda existem diversos desafios a serem ultrapassados no setor de Educação. Um deles é a incorporação à Escola dos restantes 5% da população entre 6 e 14 anos de idade que estão fora dela, mudança fundamental para garantir o futuro dessas crianças e do país.

A elevação da taxa de matrícula líquida para os indivíduos entre 15 e 17 anos é igualmente tarefa chave e ainda mais difícil. Hoje, pelo menos 50% de nossos jovens estão trabalhando sem ao menos completarem o Ensino médio. Isto os coloca em uma condição desfavorável no mercado de trabalho, pois eles competem, em um grupo educacional com elevada taxa de desemprego, por um emprego de baixa qualificação e que paga baixo salário. No futuro, essa situação tende a piorar. As novas tecnologias de produção demandam trabalhadores mais qualificados (Escolarizados), o que reduz as possibilidades de emprego dos jovens que não concluem o Ensino médio, visto que eles carecem da qualificação necessária para competir nesse mercado.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

A melhora da qualidade do Ensino no Brasil é outro desafio. As notas de nossos Alunos no Pisa (Programme for International Student Assessment), uma avaliação internacional dos estudantes, colocam o Brasil entre os piores países que participam do teste. Um capital humano de qualidade é fundamental para um país que, com a elevação da renda per capita, demandará cada vez mais do setor serviços, intensivo em mão de obra e capital humano. Caso o nosso mercado de trabalho Brasil não ofereça capital humano de qualidade, nos especializaremos em serviços com baixo valor agregado e, conseqüentemente, salários reduzidos. Esta situação vai limitar a capacidade de uma parcela importante de nossa população de melhorar seu padrão de vida.

Infelizmente, a melhoria da qualidade de nossa Educação não depende da simples elevação dos recursos destinados à Educação. O aprendizado dos Alunos não está diretamente relacionado ao gasto por Aluno. Por isso, necessitamos de uma segunda revolução educacional: uma mudança na gestão educacional, com modificação no sistema de incentivos aos profissionais de Ensino. Um bom começo seria o fim da isonomia salarial, associado à implantação de uma política salarial cujo principal componente seja mérito, e não o tempo de serviço.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Opinião da RBS

Data: 10/09/2012

Assunto: O desafio é a qualidade

Página: 12

DIÁRIO CATARINENSE

O DESAFIO É A QUALIDADE

Santa Catarina é o estado da federação que tem mais crianças, entre os seis e os 14 anos, dentro da escola. Apenas 2,2% das crianças ainda não estão matriculadas.

Em números reais, do total de 870.511 indivíduos nesta faixa etária, 853.101 frequentam a escola, e 17.410 estão fora dela.

Os números referem-se ao Censo de 2010, e confirmam uma longa tradição catarinense, que remonta à segunda metade do século XIX, no pico da colonização europeia do território. Estamos a um passo do ideal dos 100% – nenhuma criança fora da escola fundamental.

Esta deve ser a meta para o estado e também para o país, que registra 3,3% da população desta faixa de idade fora das salas de aula.

A liderança nacional no ranking da educação fundamental merece ser festejada, sim.

No entanto, impõe a responsabilidade de redobrar esforços e investimentos para concretizar o ideal da universalização o quanto antes.

Como ressaltou a coordenadora técnica do Centro de Estudos e Pes-

Não basta colocar todas as crianças na escola, é também impositivo garantir-lhes educação de qualidade.

quisas em Educação (Cenpec), Maria Amabile Mansutti, 17,4 mil pode parecer um número pequeno comparado ao total, mas ainda é “bastante comprometedor”.

O desafio vai além. Não basta assegurar o acesso e colocar todas as crianças e jovens na escola. É preciso garantir-lhes uma educação de qualidade, que os capacite a enfrentar os novos desafios de uma sociedade cada vez mais competitiva.

Este esforço não é só dos poderes públicos, mas da sociedade no seu todo. É essencial a participação das famílias na construção deste ideal.

Educar não decorre apenas do processo de ensino e aprendizagem. Significa também a transmissão de valores e de bons exemplos no âmbito familiar. E os pais devem acompanhar, sempre e passo a passo, o desempenho escolar da prole.

É assustador e preocupante constatar que no país, hoje, apenas 3% dos concluintes do ensino fundamental na rede pública podem ser considerados plenamente alfabetizados, 15% no ensino médio e 62% no ensino superior.

É chocante o número de analfabetos funcionais – pessoas que sabem juntar as letras, mas são incapazes de compreender o que lêem – em todos os níveis de ensino.

A cientista política Maria Tereza Sadeck, durante encontro realizado em Florianópolis, no mês passado, lembrou que no Brasil temos desigualdades cumulativas.

E educação deficitária só faz aumentá-las e agravá-las. A campanha “A educação precisa de respostas”, promovida pelo Grupo RBS, coloca em questão este quadro de desalento e persegue soluções para ele.

Universalizar a educação e dar-lhe qualidade cada vez maior é uma luta de todos e a melhor aposta no futuro. A educação é a melhor ferramenta para construir um mundo mais justo, mais humano, mais bonito, de melhor qualidade de vida para todos.

Mãos à obra.



Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Geral

Data: 10/09/2012

Assunto: SC tem mais crianças dentro das escolas

Página: 18

DIÁRIO CATARINENSE

SC tem mais crianças dentro das escolas

JÚLIA ANTUNES LORENÇO

Santa Catarina está a um passo de ter 100% das crianças e jovens entre seis e 14 anos na escola. Do total de 870.511, apenas 2,2% ainda não estão matriculados. É o Estado com a menor taxa de pessoas nesta faixa etária fora da escola. Resultado de políticas públicas e aspectos sociais.

O dado foi revelado pelo Censo 2010 e mostra que a média brasileira está próxima do 100%. São 996 mil brasileiros entre 6 e 14 anos fora da escola, o equivalente a 3,3% da população nesta faixa etária.

Para o especialista em administração e planejamento da educação e ex-diretor da educação básica do

Estado Antonio Pazeto, o destaque é devido a um conjunto de fatores. Políticas públicas estadual e municipais e elevado grau de consciência e valorização da educação escolar, por parte das famílias, dos educadores e dos setores produtivos.

O pedagogo e consultor de avaliação da gestão educacional José Zinder acredita que há um aspecto cultural envolvido no bom desempenho do Estado. A colonização europeia deixou marcas. As famílias apostam na educação como futuro para os filhos.

– Pode ser um trabalhador do campo, mas ele envia o filho para a escola. Eu sou um exemplo, meu pai que era paupérrimo e me dizia "herança você não vai ter, mas vou te dar educação a vida toda". E as-

sim foi – conta Zinder.

Depois de Santa Catarina, aparece o Piauí com mais alunos na escola. A coordenadora técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação (Cenpec), Maria Amábil Mansutti, acredita que o Estado nordestino assim como outros tiveram por muito tempo resultados ruins no ensino e tiveram que partir para um enfrentamento e vontade política para sair de um patamar negativo.

– Colocar todo mundo na escola é a primeira iniciativa – afirma.

Sobre a situação do estado catarinense, Amábil ressalta que 17,4 mil crianças pode parecer um número pequeno, mas é bastante comprometedor.

julia.antunes@diario.com.br



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Assistência para quem está fora

Ter 100% das crianças entre seis e 14 anos é uma meta possível para SC e para o país, de acordo com os estudiosos. Mas há um desafio pela frente: assegurar a qualidade. O Plano Nacional de Educação traçou metas em 2010 para 2020. Uma dessas é universalizar o atendimento escolar na faixa etária.

A coordenadora técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação (Cenpec), Maria Amábile Mansutti, defende que é possível, mas exige esforço do poder público e sociedade para chamar essa parcela da população longe da sala de aula. Para Priscila Cruz, diretora-executiva do Todos Pela Educação, falta focar na qualidade.

Atenção ao aluno é o diferencial

DARCI DEBONA

PAIAL - Dos 293 municípios de Santa Catarina, 23 atendem 100% das crianças entre seis e 14 anos. Destes, 21 estão concentrados no Meio-Oeste, Oeste e Extremo-Oeste, um fica na Serra e outro na região Sul. O dado não surpreende o secretário de Educação Básica do Estado, Antônio Pazeto.

- Nesses ambientes a comunicação e atendimento estão mais próximos e personalizados, sem sofrer grandes atropelos - observa.

Pazeto explica que as famílias são mais estáveis, o que facilita o acompanhamento e atenção dos alunos. Para ele, o aspecto cultural está muito presente nas comunidades.

Com 1.763 habitantes e ainda sem acesso asfáltico, Paial é um dos que mantém 100% das crianças entre seis e 14 anos na sala de



André Hentz passou a gostar mais de ir para a escola quando mudou com a família para Paial.

aula. De acordo com o diretor do Centro de Educação Municipal de Paial, Arnildo Hilson Vaiss, um dos motivos desse bom índice é que o município é pequeno e isso permite controlar quando um aluno começa a faltar.

A agente educacional Elise Kutzepa disse que o baixo número de alunos, 200 na rede municipal e 186 na rede estadual, permite acompanhar o desempenho.

- A gente tem contato direto com as famílias - explicou.

São três escolas, duas do município, o Pré Escolar Pingo de Gente e o Centro de Educação e a escola estadual Francisco Maciel Bageston.

Elise destaca que há um trabalho para tornar as aulas atrativas, com informática, dança e xadrez. A professora Roselene Lopes afirma que o município oferece livros

infantis, que estimulam a leitura em sala de aula. No Centro de Educação há caixas com livros que circulam pelas salas. André Hentz gosta dos livros, de matemática e de educação física. De acordo com a mãe Janice Hentz, quando morava em outro município, André não gostava de ir para a escola. Agora ele não reclama.

darci.debona@diario.com



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Trânsito 24h	Data: 10/09/2012
Assunto: Educação		Página: 32

DIÁRIO CATARINENSE

• **Educação** - A Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) está credenciando docentes colaboradores para atuação no curso Treinamento em terapia aquática para pessoas com déficits neurológicos, que ocorre em outubro, com 40 horas/aula. Interessados em participar devem efetuar o pré-cadastro até o dia 21 de setembro, conforme orientações do edital. Informações: www.fcee.sc.gov.br.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Política

Data: 09/09/2012

Assunto: Plano de carreira

Página: 16

DIÁRIO CATARINENSE

Plano de carreira

Na Educação, há quem afirme que a atitude dos governadores sepultou qualquer possibilidade de negociação sobre a correção do piso. Uma das propostas em tramitação no MEC é a implementação de regras nacionais para ajustes no plano de carreira, viabilizando salários um pouco melhores.

FUGA DE PROFESSOR

Pesquisa feita pelo Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio revela que em julho e agosto cinco professores por dia pediram exoneração da rede pública estadual. Além disso, 398 professores se aposentaram nesse período. Somados pedidos de exoneração e aposentadorias, foram 14 professores por dia que saíram das escolas estaduais.

SEGUE

O sindicato culpa o piso salarial de R\$ 1.080 como a principal causa desse abandono.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Diário do leitor	Data: 07/09/2012
Assunto: Educação		Página: 17

DIÁRIO CATARINENSE

Educação

Para ajudar a melhorar a educação, precisamos valorizar a língua do país. Ensinam português nas escolas, mas o que se lê e ouve na mídia e nas empresas é o “portu inglês”. Nas vitrinas das lojas, ofertas 50% off. O pessoal do marketing convida para um *workshop*, no qual haverá apresentação de *cases* e *games*. E como tudo são *business*, temos que dar *feedback*, *just in time*, *follow-up*, tudo com *deadline*. Que globalização é esta que só nós falamos a língua deles?

Isabel Ferronato
Blumenau

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Diário do leitor	Data: 09/09/2012
Assunto: Educação		Página: 19

Educação

Somos o país que os governantes querem: educação de má qualidade do ensino básico ao superior. Podemos perceber isso ao ler a notícia na coluna de Cacau Menezes de dias atrás, que apontou Santa Catarina com 18% de aprovados no Estado na prova da OAB. Este resultado é uma vergonha. Brasileiros jogam dinheiro no lixo em todas as fases do ensino e, finalmente, por cinco anos, na faculdade, enriquecendo um sistema fracassado de educação superior.

Mário Osny Rosa
São José





SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Jornal de Santa Catarina	Editoria: Opinião	Data: 10/09/2012
Assunto: A família e a escola		Página: 02

JORNAL DE SANTA CATARINA

www.santa.com.br

A família e a escola

MARO SCHWEDER

Professor

Os índices comprovam que a educação brasileira não anda nada bem, em sua média geral. Com algumas exceções regionais, os resultados são ainda bastante tímidos, comprovando que há muito a ser feito. Procura-se afoitamente por um responsável. Fala-se de escolas sem estrutura, professores despreparados etc... Não podemos negar que há muito a ser melhorado nesses quesitos. No entanto, as pessoas relutam em ir à raiz do problema, que é onde tem de ser promovida uma série de ajustes, que é exatamente a família.

Desde tempos esta instituição vem sofrendo graves abalos, impedindo que os filhos sejam adequadamente educados pelos pais. Compreendamos o seguinte: ali onde os filhos possuem um amparo familiar adequado, o seu resultado na escola é positivo, em sua maioria. E o contrário também é válido!

Assim sendo, onde a família não faz a sua parte, acompanhando e incentivando o desenvolvimento educacional dos filhos, nem os "melhores professores do mundo" têm como desempenhar um bom trabalho, pois falta-lhes a contrapartida que os pais de seus alunos têm de oferecer.

As crianças que não são acompanhadas pelos pais têm um desenvolvimento deficitário na escola. Aí está a raiz do problema. Está na hora de as autoridades voltarem seu olhar para isso. Precisamos de um resgate de valores. Enquanto isso não for feito, a escola sozinha não terá como fazer nada.

Uma vida familiar saudável propicia os fundamentos de que o aluno necessita para ir bem na escola. Onde a família cumpre esse importantíssimo papel, os professores tornam-se companheiros dos pais, podendo trabalhar juntos pela educação das futuras gerações. Mas para que isso ocorra, a família tem de fazer a sua parte!

A família e a escola têm de cerrar uma parceria para que assim os professores encontrem nos pais de seus alunos um firme apoio. Do contrário, nada feito.

Resgatemos os valores da família, então!



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Jornal de Santa Catarina	Editoria: Opinião	Data: 8 e 9/09/2012
Assunto: Educação		Página: 02

JORNAL DE SANTA CATARINA

www.santa.com.br

EDUCAÇÃO

Discursos floridos, palestras descontextualizadas, seminários... Aborda-se a formação do professor para uma escola e um aluno que não existem na realidade. Fecham-se cursos de Biologia, Química e Matemática, pois há pouco interesse pelo magistério. O estado não assume as licenciaturas, cursos formadores de professores. Excesso de expectativa, segundo a escritora Martha Medeiros, é o caminho mais curto para a frustração. Questiona-se a lei do piso salarial. No atual estágio, se as promessas tivessem sido cumpridas, a educação seria uma maravilha. Elogiem-se as exceções.

Almerindo Brancher
Aposentado - Blumenau

Destaque do editor



Discursos floridos, palestras descontextualizadas, seminários... Aborda-se a formação do professor para uma escola e um aluno que não existem na realidade. Se as promessas tivessem sido cumpridas, a educação seria uma maravilha

Almerindo Brancher
Blumenau



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Jornal de Santa Catarina	Editoria: Política	Data: 07/09/2012
Assunto: O piso do magistério na Justiça		Página: 06

JORNAL DE
SANTA CATARINA
www.santa.com.br

O piso do magistério na Justiça

A decisão de seis governadores estaduais, com destaque para Raimundo Colombo e Tarso Genro (RS), de impetrar uma ação direta de inconstitucionalidade (Adin) no STF contra artigo da lei do piso salarial que fixa os critérios de reajuste anual provocou uma forte reação dos professores.

A ideia do recurso judicial não é nova. Há algum tempo vem sendo examinada pelos procuradores dos estados como alternativa para evitar o agravamento da crise com o magistério. Se prevalecer a lei atual, no início de 2013 prefeitos e governadores terão que aplicar outro reajuste de 21%. Há consenso de que estes índices inviabilizam as finanças públicas.

O Sinte/SC emitiu nota de repúdio contra os seis governadores, afirmando que se trata de uma medida retrógrada que poderá implicar em eliminação da conquista histórica do magistério. Exagero. A lei do piso continuará em vigor. O que pode mudar no STF é o critério de reajuste.

Estudos continuam

A ação judicial cria um novo fato político. Se for concedida a liminar pretendida, o Ministério da Educação terá que agilizar negociações com os governadores e prefeitos sobre a definição da nova fórmula e aprovação em lei especial. Um dos argumentos jurídicos lançados na ação, aliás, é justamente este: o reajuste salarial exige lei específica e não pode ser definido em lei geral, como hoje é a do piso nacional do magistério.

O secretário Eduardo Deschamps apoia a Adin. Mas esclarece que as negociações com os professores em torno da descompressão da tabela salarial vão continuar depois das eleições. Garantiu que, apesar da crise na receita do Estado, reflexo da crise econômica, os estudos não foram suspensos.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: A Notícia	Editoria: AN Estado	Data: 07/09/2012
Assunto: Negociações com categoria continuam		Página: 15

A NOTÍCIA

Negociações com categoria continuam

O secretário de Estado da Educação, Eduardo Deschamps, afirmou ontem que a ação de governadores no Supremo Tribunal Federal (STF) que questiona o índice de aumento do piso nacional de professores da rede pública não bloqueia a atual negociação entre o governo de Santa Catarina e o magistério.

Ele explica que são coisas diferentes, e que a discussão com o Sinte busca formas para descomprimir os salários e restabelecer o plano de carreira da categoria. A ação que tramita em Brasília foi apresentada por seis governadores, inclusive Raimundo Colombo, e contesta o índice de 22,22% em relação valor pago desde o ano passado.

Os governadores aguardam resposta do MEC sobre o pedido de audiência para debater o piso do magistério. Alegam que as finanças ficarão inviabilizadas se tiverem que cumprir o reajuste salarial.

Veículo: A Notícia	Editoria: AN Estado	Data: 07/09/2012
Assunto: Menos alunos		Página: 03

Menos alunos

A rede estadual continua encolhendo no ensino fundamental em Joinville. Pelo Censo Escolar divulgado ontem, o número de alunos matriculados caiu de 14,9 mil para 13,9 mil. Mil estudantes em um ano. No ensino médio, o número de alunos passou de 15,7 mil para 16,5 mil.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Paulo Alceu	Data: 07/09/2012
Assunto: Dois lados		Página: 02

Notícias do Dia

Dois lados

Para o Sinte, a ADIN encaminhada por seis governadores, entre eles, Raimundo Colombo, ao STF, contestando a forma atual de reajuste do piso do magistério é o mesmo que jogar no "lixo" a luta dos trabalhadores da educação, desrespeitando uma remuneração decente, sintonizada com a dedicação e capacitação profissional. Enquanto isso, o governo afirma que respeita e reconhece a Lei do Piso, mas considera que a atual legislação compromete os recursos da educação, concentrando praticamente tudo na folha, tornando-se impagável. O Sindicato alega que há recursos disponíveis, o que está faltando é gestão, além de evitar desvios de finalidade com dinheiro da educação. Só para se ter uma ideia, já se passaram quatro anos da vigência da lei e ainda há desencontros e discórdias. A educação merece maior consideração. O ingresso da ADIN na Justiça reascendeu o discurso de greve da categoria, enquanto isso o governo garante que está aberto para negociações depois de encerrada a corrida eleitoral. Ou seja, em outubro.